

Cacujá

Cultural

REVISTA DA IOSE
ANO II - Nº 2 - MARÇO 2024
R\$ 20,00

**JENNER
AUGUSTO:**
acesso livre
ao público

EDISE



PÁG: 08

Contadores de histórias:
Contaçõ de histórias tem
seus arautos nos quatro
cantos de Aracaju

PÁG: 14

Cesar Leite:
Com sua parceira
Genoveva, o artista reforça
a representatividade
nordestina

PÁG: 42

Vilas praianas:
Espaços de fomento
à cultura, turismo e
empreendedorismo na
orla de Aracaju



EDISE

Expediente



Foto da capa

Painel de Jenner Augusto

Produtor e Editor

Gilson Sousa

Design Gráfico

Clara Macedo

Rodrigo Carvalho

Pré-impressão

Dalmo Macedo

Gerente da Edise

Jeferson Melo

Colaboradores nesta edição

Eufrásio Santos (jornalista) • Aglacy Myre (poetisa e arte-educadora) • Aillez (escritora e artista plástica) • Lau Rocha (artista plástica) • Antônio da Cruz (artista visual e escritor) • Silvio Rocha (repórter-fotográfico e músico) • Silvio Oliveira (jornalista) • Fernando Aguiar (professor da UFS) • Igor Albuquerque (escritor e advogado) • Ana Luiza Andrade (jornalista) • Arthuro Paganini (repórter-fotográfico) • Igor Matias (repórter-fotográfico) • Francisco Diemerson / Cris Souza / Nilda Barnabé / Jorge Henrique Vieira / Sonia Azevedo / Jânio Vieira (poetas)

Ano II | Número 2

cacuacultural@iose.se.gov.br

(79) 3205-7421/7400

Rua Propriá, 227 - Centro

Aracaju - SE

CEP: 49010-020



SERGIPE
GOVERNO DO ESTADO

Governo do Estado de Sergipe

Governador

Fábio Cruz Mitidieri

Vice-Governador

José Macedo Sobral

Secretário Especial de Governo

Cristiano Barreto Guimarães



Serviços Gráficos de Sergipe

Diretor-Presidente

Francisco Gualberto da Rocha

Diretor Administrativo-financeiro

Antônio Roberto Rocha Messias

Diretor Industrial

Mílton Alves

A Revista Caçua não se responsabiliza por conceitos emitidos nas matérias assinadas.

editorial

Cabe de tudo no caçua

O Caçua da cultura sergipana está de volta à cena editorial. E chega recheado de temas muito caros à produção artística e intelectual da nossa terra. Nele, que vem em forma de revista Caçua Cultural nº 2, o radialista Mário Sérgio Félix, um fluminense radicado e apaixonado por Sergipe, conta histórias de sua trajetória no rádio e, principalmente, do apoio que oferece aos cantores sergipanos na programação diária da sua 'Seleção Brasileira'. A poetisa e arte-educadora Aglacy Mary mergulha no universo dos contadores de histórias e revela detalhes sobre a atuação desses artistas em Aracaju.

Tem também as peripécias do ator e dançarino Cesar Leite e a sua impagável boneca Genoveva num texto produzido por Antônio da Cruz. O saudoso professor e cerimonialista Luiz Fernando Ribeiro Soutelo é tema de matéria assinada por dois intelectuais da atualidade: Fernando Aguiar e Igor Albuquerque.

A Caçua Cultural nº 2 também expõe em suas páginas uma importante matéria sobre os painéis públicos pintados por Jenner Augusto, um dos maiores nomes das artes

plásticas no Brasil moderno. O texto e as fotografias são do jornalista Silvio Oliveira. As Vilas Praianas, que tanto encantaram os sergipanos e turistas nos períodos junino e natalino, se apresentam na revista como importante espaço cultural e turístico de Sergipe em texto produzido pela jornalista Ana Luíza Andrade.

Matéria do jornalista Eufrásio Santos retrata a efervescência dos anos 80/90 na Atalaia Nova, reduto de 'loucos' e grandes artistas da cena cultural sergipana. Já o Caçua de Poemas vem mais sortido do que nunca. Seis poetas de diferentes academias de Letras de Sergipe nos presenteiam com sua arte literária. Já a sessão Meu Click traz as fotografias em preto e branco produzidas por Silvio Rocha retratando uma simbiose perfeita entre o homem e a lama do manguezal. Para finalizar, com o astral lá em cima, um delicioso texto lúdico da escritora e artista plástica Aillez, com direito a ilustrações de sua filha, Lau Rocha, para embalar as Brincadeiras de criança. Aproveitem a leitura!

Gilson Sousa
Editor

Revista Caçuá Cultural

SUMÁRIO



36

Vilas praianas:
cultura e turismo em
destaque na orla de
Aracaju/SE

4

**O porto seguro da
música sergipana:**
Mario Sérgio Félix



8

**Os contadores de
histórias na terra
dos Cajus**



14

**Os múltiplos
talentos de Cesar
Leite e a boneca
Genoveva**

20

**Luiz Fernando
Ribeiro Soutelo:**
um cordial carioca,
intelectual sergipano

26

**Os painéis públicos
de Jenner Augusto**



42

Atalaia Nova:
reduto dos Ripongas
nos anos 80/90

46

Caçuá de Poemas



52

Meu Click:
Silvio Rocha

60

**Brincadeiras de
crianças**



O porto seguro da música sergipana

Mário Sérgio Félix, o radialista ‘boa praça’ que abre portas para artistas locais sem essa de cobrar ‘jabá

Texto e Fotos GILSON SOUSA

“**S**eleção Brasileira, o encontro dos novos talentos com os nomes consagrados da música brasileira”. Esse é o bordão que todas as manhãs, de segunda a sexta-feira, ecoa nos lares sergipanos através da Rádio Aperipê FM. A voz, conhecida entre os artistas locais, é de Mário Sérgio Félix, um apaixonado por MPB que gentilmente abre portas para o que é novidade e o que já não é na música nacional. E a cereja do bolo nesse encontro, sempre, é a música produzida em Sergipe.

Filho de Antônio Félix do Carmo, estivador, e Maria Ivani dos Santos, dona Ivone, Mário é o terceiro de uma prole de quatro. Nasceu no dia 23 de novembro de 1958, em Duque de Caxias (RJ), mas sua raiz é totalmente sergipana. Os pais foram para o Rio em 1941, antes da segunda guerra mundial. “Naquela época, Duque de Caxias era a cidade fluminense que mais abrigava

sergipano. Meus pais, meus avós, minhas tias. Inclusive tenho uma tia com 94 anos de idade que até hoje mora em Olaria, bem na subida do morro do Alemão”, conta.

A música sempre fez parte do cotidiano do menino fluminense. O pai era fã de Elizeth Cardoso e torcedor da Estação Primeira de Mangueira. No entanto, Mário é Salgueiro desde o início da década de 1970, após uma professora de língua portuguesa ter pedido aos alunos para ler e interpretar um samba-enredo da escola de samba denominado ‘Chico Rei’ (foi com esse samba composto por Geraldo Babão, Djalma Sabiá e Binha, e com o carnavalesco Arlindo Rodrigues que o Salgueiro chegou em 1964 ao seu terceiro título do carnaval carioca). “Eu comecei a ler e fiquei impressionado com a letra. O próprio Martinho da Vila diz que é o samba-enredo mais bonito de todos os tempos. E realmente é maravilhoso”.

Esse episódio despertou a paixão de Mário Sérgio, principalmente, pelo gênero samba. “A partir daí comecei a me interessar para conhecer os grandes sambistas do Brasil”, garante, citando Paulinho da Viola, Zé Kéti, Candeia, Geraldo Pereira, Cartola, Nelson Cavaquinho, além do sergipano Pedrinho Rodrigues, que chegou a ser apontado como o melhor sambista do Brasil na década de 1960 após ter gravado o disco ‘Tem que balançar’.



Mário Sérgio: “eu conheço a dificuldade do cantor, da cantora e do compositor sergipano”

Prazer em conhecer, Sergipe!

Em 1972, o pai Antônio Félix se aposentou e quis presentear os quatro filhos com um passeio a Sergipe, justamente para conhecerem a terra natal dos ancestrais. Luiz Carlos, Antônio Roberto, Luiz Felipe e Mário não titubearam. “A satisfação dele foi tão grande e a nossa empolgação foi tão grande também que, mesmo sendo bons alunos, ninguém passou de ano na escola pela primeira vez”, disse Mário Sérgio. A viagem a Sergipe aconteceu em 1972 e a família passou o carnaval em Estância. “Em 73 todo mundo passou de ano e meu pai comunicou que queria vir morar definitivamente em Sergipe. Eu estava com 16 anos e disse à minha mãe que para onde eles decidissem ir eu iria também”. Vieram em 1974, e em Estância o primeiro em-

prego do jovem fluminense foi na companhia elétrica Sulgipe, com o aval de Jorge Prado Leite.

Adulto, totalmente integrado a Sergipe, foi funcionário da Caixa Econômica Federal durante 13 anos entre as décadas de 80 e 90. Saiu do banco em 1995 através de um PDV. “Para não morrer, porque a pressão era grande”, confessa. Nessa época conheceu o professor Ludwig Oliveira, que tinha um programa de entretenimento na Rádio Jornal, em Aracaju. “Eu sempre ligava pedindo uma música. Uma vez pedi ‘Tudo que sonhei’, com Roberto Carlos. E ele disse: ‘cara, você só pede coisa difícil’”, relembra Mário.

Mais tarde, foi convidado para participar de um habitual encontro de amigos promovido pelo próprio Ludwig. “Lá a gente conversou sobre música, ele per-



cebeu que eu tinha um bom conhecimento e me convidou para apresentar um programa na rádio Jornal. Era um programa chamado *Temas Inesquecíveis*, que era produzido por ele. A estreia foi em 7 de setembro de 1999. A partir dali a cachaça tomou conta de mim. E foi justamente a partir dali que eu começo a dar mais ênfase à pesquisa musical, inclusive à música instrumental”, revela.

Fez o curso de radialista no Senac, em Aracaju, integrando a primeira turma da instituição. Ficou cerca de oito anos na Rádio Jornal, mas depois foi levado para a Aperipê por Emanuel Dantas, participando de um quadro do seu programa musical nas noites de quarta-feira.

Em 2007 foi convidado por Marlene Calumby para ter seu próprio programa na rádio Aperipê. Fez um especial com músicas dos anos 50, 60, 70, 80 e na sexta-feira dedicava o tempo do programa ‘Show da Manhã’ à música sergipana. E já a partir dali nomes como Rogério, Tonho Baixinho, Roberto Alves, As Moendas, Bolo de Feira, Cataluzes, Ismar Barreto,

Amorosa, Hugo Costa, Joésia Ramos e muitos outros ‘artistas da terra’ ganhavam espaço na programação feita por Mário Sérgio.

Sem jabá

Fã e discípulo de João Mello, o comandante do ‘Seleção Brasileira’ na rádio Aperipê reconhece no artista um dos nomes mais importantes da MPB, não somente como produtor musical que foi, mas também como cantor e compositor. João Mello, falecido em janeiro de 2010, nasceu em Salvador, mas foi criado em Aracaju, fez carreira profissional no Rio de Janeiro e voltou para Sergipe, onde terminou seus dias. Durante sua passagem pela gravadora Som Livre, nas décadas de 60, 70 e 80, abriu portas para grandes nomes da MPB como Jorge Benjor, Djavan, MPB4 e tantos outros artistas de talento incontestável.

Certa vez, nos corredores da rádio Aperipê, Mário Sérgio ouviu de João Mello: “Sérgio, se você não fizer algo pela música sergipana, ninguém



mais irá fazer”. E isso o tocou profundamente. “Eu adoro samba, mas não vou deixar de tocar um forró para privilegiar um samba. Não deixo de tocar uma música nordestina, para tocar uma música do sudeste. Isso eu credito a João Melo”, garante Mário Sérgio, revelando que possui todas as músicas de João Mello catalogadas. “Tanto as gravadas por ele próprio, quanto as gravadas por terceiros. E compartilho isso com qualquer pessoa que tenha interesse. João Mello é meu mestre, pois me ensinou muita coisa, principalmente a gostar da música sergipana”.

Sincero, Mário Sérgio afirma que compreende a dimensão da importância do seu trabalho no rádio. “Porque eu conheço a dificuldade do cantor, da cantora e do compositor sergipano. E sei que em nosso estado, muitas das nossas emissoras só tocam com jabá. Não tenho como provar, mas sei que é. E se eu estivesse errado, todo esse pessoal que toco aqui estaria tocando nas outras rádios também, mas não tocam. E eu não tenho como cobrar

do artista sergipano qualquer jabá. Porque quando ele vai entrar em estúdio para gravar seu disco, ele vende o carro, a geladeira, o ar-condicionado, com a falsa esperança de que irá ganhar dinheiro quando o disco sair. Não vai”, aponta o radialista.

A ideia de juntar os novos talentos da música brasileira com os nomes consagrados, que originou o programa Seleção Brasileira, foi constituída por Mário, Patrick Torquato e Ricardo Gama. “E lhe digo: todo esse trabalho vale a pena. Vejo muitas coisas novas de qualidade e ainda faço amizades. E sempre brinco dizendo que trabalho fazendo o que gosto, tocando e escutando música, e eles ainda me pagam por isso. Eu queria fazer muito mais pela música sergipana, mas faço o que posso”, diz Mário Sérgio. Na Rádio Aperipê ele apresenta também o programa Batucada, aos sábados e domingos, com foco voltado para o samba. ■

Gilson Sousa é jornalista, escritor e Mestre em Comunicação pela UFS.

Os contadores de histórias na terra dos Cajus

Em Aracaju, ações individuais e coletivas vêm destacando a velha arte de encantar pela narrativa oral. Histórias brotam de todos os cantos da cidade

Texto AGLACY MARY

Em tempos de textos curtos, de palavras abreviadas e vozes aceleradas por artifício de dispositivos eletrônicos, sobrevive o fato de que a contação de histórias tem seus arautos nos quatro cantos de Aracaju e dela pode servir-se gente de qualquer idade.

É certo dizer que todos as pessoas gostam de ouvir histórias e que temos muitos carregadores de memórias para que todo esse conteúdo não se entregue ao esquecimento. Tendo como fundamento do conto a oralidade, é a palavra falada que se eleva à potência de arte, pela inspiração nos velhos contadores de histórias tradicionais. É assim que as narrativas se prestam à sobrevivência dos saberes que identificam os povos, à manutenção

da lembrança do que vale ser vivido, ao autoconhecimento, ao desenvolvimento humano desde o princípio da vida e também ao entretenimento. Quem teve avô, pai e mãe dados a contar histórias, como tive eu, não pode queixar-se do tempo. Desde cedo, as vozes que me acordaram distâncias, culturas e gerações também me trouxeram plateias. Aos 12 anos de idade, já me arrodeavam uns pequenos ouvidos, e eu lhes emprestava os meus. Cresci tomando gosto por passar histórias adiante e passei a usar esse prazer em minha profissão. Foram as histórias que me aproximaram da escrita para um jornal impresso e da participação regular em um programa de rádio.



Reunião de fundação da ASCH

Em nossa cidade, ações individuais e coletivas vêm destacando a velha arte de encantar pela narrativa oral. De cadeiras de vime e balanço desde as casas dos bairros antigos, brotam histórias. Brotam histórias das salas e de outros cantos das escolas; de palcos de auditórios e teatros; de bibliotecas; de chãos de árvores com generosas copas; de alas de adultos e crianças em hospitais; de cerimônias de casamento e formatura; de todo canto, pode emergir um conto.

Contadores de histórias se cruzam e muitas vezes surpreendem pelas marcas que deixam nos caminhos que escrevem. Temos exemplos interessantes disso por aqui. Quando possibilitamos, no colégio Nossa Escola, cursos e oficinas com Nícia Grillo (RJ), Os Trovadores (RJ), Regina Machado (SP), Arnaldo Reis (PE) e a performer africana Inno Sorsy, entre outros nomes, não imaginávamos que, depois da vivência com Os Trovadores, no final da década de 90, alguns participantes desses encontros viessem a fundar o primeiro grupo de contadores de histórias de nossa cidade, o Guanumbi. Em sua primeira

apresentação oficial, Tânia Cardoso, Manoel Cerqueira e Elizete Hermínio eram os contadores que formavam o grupo. O Guanumbi atuou em Aracaju, de 1997 até 2001, apresentando-se em praças, em teatros, no Mercado Thales Ferraz, no Centro de Criatividade e em projetos do Serviço Social do Comércio – Sesc Sergipe.

Na sequência dos grupos de contadores de Aracaju, vieram o Prosarte, fundado em 2004 e desenvolvendo, até hoje, um trabalho voluntário, e o Grupo Hannah, desde 2006, com a proposta de atuação remunerada. Esses grupos surgiram com o estímulo acrescentado pelo Curso de Contação de Histórias do Serviço Nacional da Aprendizagem Comercial (Senac, de Aracaju), frequentado por alguns nomes que se mantêm ativos no ambiente da contação: Antenor Aguiar, Fátima Beatriz Colares, Telma Costa, Adilma Pinto e Márcia Alves, que são os fundadores do Prosarte. Na fundação do Hannah, os nomes são Fátima Beatriz Colares, Zezinho Colares, Estevão Colares, Givaneide Santos, Nailde, Danielson Barreto, Telma Costa e Adilma Pinto.



Projeto Na Ciranda da História (2000)

A bibliotecária Claudia Stocker, de 2007 a 2018 na direção da Biblioteca Infantil Aglaé Fontes (que funcionava em um anexo da Biblioteca Pública Epifânio Dória), encantou-se pela narrativa oral e pelo entusiasmo de Antenor Aguiar. Na biblioteca, ela realizou ações sistemáticas de grande visibilidade para o trabalho dos contadores de histórias que ali costumavam encontrar-se.

Nesse ponto, voltamos a uma identificação de projetos: a Feira de Livros da Nossa Escola, que existia desde 1995, transformou-se em Feira do Livro de Sergipe, numa parceria com o Governo do Estado, através da Secretaria de Cultura. A primeira edição, em 2006, aconteceu na Galeria de Artes AMA, na Orla de Atalaia. As outras edições da Feira foram realizadas na Biblioteca Pública, uma em 2007, a outra em 2008. Na programação, além de expressivos nomes de autores da literatura brasileira, estavam nossos contadores de histórias.

A frequência regular dos contadores na Biblioteca Infantil, na programação coordenada por Claudia



Stocker, acabou gerando um importante acontecimento que temos hoje na cidade, o Encontro de Contadores de Histórias de Sergipe, em sua 13ª edição este ano. O evento reúne contadores daqui e de onde queiram vir, e faz parte da programação da Semana Estadual dos Contadores de Histórias. Pouca gente sabe, mas Sergipe tem uma lei (Lei Estadual de Nº 665/2020, de autoria da deputada Kitty Lima) que estabelece a terceira semana de março como dedicada ao contador de histórias. Notícia boa de espalhar para que as instituições promovam algumas ações apresentadas na lei.

Atualmente, várias atividades do universo da narrativa viva estão espalhadas, a partir da cidade de Aracaju, por uma instituição da qual sou membro: a Academia Sergipana de Contadores de Histórias (AS-CH), fundada em dezembro de 2017.



Grupo Hannah na Feira de Sergipe (2009)

Seus primeiros 16 membros efetivos tomaram posse no dia 20 de março de 2018, Dia do Contador de Histórias. Provocado especialmente por Domingos Pascoal, escritor empenhado na criação de agremiações literoculturais, coube ao comprometimento de José Antenor Aguiar bater à porta dos primeiros nomes de pessoas apaixonadas pelos saberes da contação. Antenor foi o primeiro presidente da ASCH. Atualmente, é Claudia Stocker quem ocupa a presidência. Estas foram as 16 primeiras cadeiras da Academia:

- Cadeira nº 01:** José Antenor Aguiar – Presidente
- Cadeira nº 02:** Maria Adilma Pinto
- Cadeira nº 03:** Tânia Cristina dos S. Souza
- Cadeira nº 04:** Fátima Beatriz Nascimento Colares
- Cadeira nº 05:** Jeane Caldas Hora
- Cadeira nº 06:** Izabel Cristina Melo dos Santos Pereira
- Cadeira nº 07:** Márcia Soares Ramos Alves
- Cadeira nº 08:** Rosa Maria Nascimento Corumba
- Cadeira nº 09:** Acácia Soares de Andrade Ramos
- Cadeira nº 10:** Luciano Batista de Góis
- Cadeira nº 11:** Claudia Terezinha Stocker
- Cadeira nº 12:** Tânia Cristina Cardoso de Góis
- Cadeira nº 13:** Aglacy Mary da Silva
- Cadeira nº 14:** Nailde de Santana Farias
- Cadeira nº 15:** Luciana Celli Neves Bezerra
- Cadeira nº 16:** Ticiane Santos Mendonça Cardoso





Março de 2020 em São Paulo, a Academia ganha o Prêmio Baobá

Hoje o sodalício da Academia é formado por 29 membros efetivos, 10 membros honorários e 1 correspondente, sendo alguns desses membros moradores de outros municípios do estado. O trabalho da ASCH abraça a população através de diversos projetos. Entre eles, vale destacar: “Contação de Histórias Embaixo da Árvore” no Parque Augusto Franco (Sementeira); “Papo Vai, História Vem”, mediado ao vivo pela biblioteconomista e acadêmica Niliane Aguiar, através do canal ASCH Sergipe, no Youtube; gravação e publicações de histórias em áudios e vídeos; o já referido Encontro de Contadores de Histórias de Sergipe; participação em iniciativas empenhadas na acessibilidade do público; participação em programas de rádio; participação em eventos literários; publicação de artigos, antologias e outras obras literárias; organização de cursos e oficinas; formação de grupo de estudos on-line sob a coordenação da psicóloga e acadêmica Rosa Corumba; organização de sessões temáticas e rodas de conversa para aprofundar e difundir conteúdos.

Em 2020, A Academia Sergipana de Contadores de Histórias foi contempla-

da com o Prêmio Baobá. Em 2023, na sétima edição do Prêmio, eu fui a Fortaleza pela honra de ter sido meu nome indicado. Voltei para Aracaju com a alegria de ganhar o Prêmio Baobá, que é considerado o Oscar Brasileiro dos Contadores de Histórias.

Há muitos nomes, em nossa terra, ligados às oralidades e considerados rastros que sempre apontam caminhos. Dois deles, o da professora e pesquisadora Aglaé Fontes e o do pesquisador Sílvio Romero, são muito caros aos propósitos desse fazer ancestral. Hoje Aglaé é membro honorário da ASCH, e Sílvio Romero é o patrono da instituição. Outros tantos nomes ocupam um lugar da memória que apelidamos de coração: são todos que vieram antes de nós e nos deixaram sua palavra, suas histórias. A eles dedico cada conto que eu conto.

Vida longa à narrativa de tradição oral, que mantém viva a história de uma época e de um povo. e que tem oferecido às famílias conexões reais, tempo para uma comunicação de qualidade! ■

Aglaçy Mary é contadora de histórias, poetisa e gestora escolar.



Grupo Hannah (2010)



Grupo Prosarte (2019)



Os múltiplos talentos de Cesar Leite e a boneca Genoveva

“Senhoras e senhores, com vocês.... o maior dançador do mundo: Cesinha e a sua boneca Ge-noo-veee-vaaaa!”

Texto ANTÔNIO DA CRUZ

Esta é uma das macetadas formas de Sergival anunciar o seu parceiro especial, de muitas jornadas, nos seus espetáculos musicais. Cesinha é também o nome de Augusto Cesar de Andrade Leite, cujo nome artístico é Cesar Leite, que também faz apresentações solo. Melhor dizendo: Ele, Genoveva e a plêiade de personagens, incluída neste rol a Burrica Caçarola, com leveza, graça e humor em movimentadíssimas coreografias, seguindo os ritmos de farto repertório musical nordestino.

Tendo sido um dos criadores da “Cia de Artes Mafuá”, junto a Anderson Charles e Patrícia Melo, Cesar também atuou na peça “Dando nó em pingo d’água” da “Eitcha Cia de Teatro”, com, entre outros, André Santana, Guil Costa e Rose Ribeiro. Sentiu igual entusiasmo trabalhando com Joésia Ramos no “Forró da Rabeca”. O seu espetáculo “Boi de Barro, fragmentos”, de cerca de 50 minutos,

ficou muitos anos em cartaz. Considera que ganhou experiência extraordinária durante sete anos que integrou o grupo Terpsícore Danças Antigas.

Cesar Leite veio ao mundo no dia 23 de janeiro de 1958. Nasceu e cresceu no bairro Santo Antônio, Aracaju. Tem os pais como referência, principalmente na honestidade. Deles, assim como dos professores e colegas, teve apoio desde que demonstrou habilidades com o desenho e a pintura, entre oito e nove anos de idade. Cesar guarda obras pintadas por ele na década de setenta. Sente a necessidade de voltar a pintar. Há de fato uma grande lacuna, pois a última obra pictórica foi executada em 1990.

O pai, Gilson Dória Leite, 90 anos, é aposentado como funcionário dos Correios e trabalhou como carteiro. Maria José de Andrade Leite, 87 anos, igualmente lúcida ao pai, é a mãe dedicada que ficara órfã no parto que lhe trouxera à luz. Deu

aulas de reforço escolar para completar o orçamento doméstico. O avô materno fazia artesanato, o que despertou a curiosidade do garoto Cesar que ficava grudadinho aos seus passos.

As habilidades artísticas iam se revelando como centelhas em ambiente gaseoso: sem mestre; movido pelo querer; pela curiosidade; autodidaticamente. Depois da pintura, já adulto, vieram a fotografia, a dança e o teatro. Até para ser figurinista, aderecista e bonequeiro o cabra tomou gosto. O seu envolvimento com o grupo de dança “Nordestinados”, em 1998, que encenava uma versão do Boi Bumbá, o tornou mais íntimo da dança e do teatro, duas expressões nas quais Cesar amplia seus fazeres e saberes.

O seu grande amigo Sergival, que conheceu em meados da década de noventa, no Sexta d’Arte, do Cultart, UFS, e Valtinho do Acordeom, são dois artis-

tas com os quais Cesar desenvolve bastante atividades. Dentre as influências que o seu trabalho performático recebe, nomes como Antônio Nóbrega e Ricardo Biriba devem ser sempre citados.

O primeiro, Cesar considera um gênio, com quem teve a oportunidade de, nos bastidores de uma das edições do Forró Caju, ter um diálogo rápido, mas proveitoso, quando Nóbrega teceu elogiosos comentários sobre a performance de Cesar com Genoveva. Foi Ricardo Biriba quem lhe deu os parâmetros para abraçar a cultura popular e imergir nela para, de lá, sacar toda a riqueza e graça que ele esbanja nos palcos. Até hoje Biriba é seu consultor. A bailarina, coreógrafa e empresária Lú Spinelli foi também sua amiga e mestra, com a qual aprendeu e trabalhou.



O talento artístico por si nem sempre paga as contas. Cesar percebeu logo cedo e decidiu fazer Educação Física na Universidade Federal de Sergipe. Ser professor das redes estadual e municipal de ensino, com prazer e dignidade, foi também uma determinação tática: a ação imediata de sobrevivência. A grande estratégia, de verdade, foi sempre fazer o que já gostava, sem sacrifícios. Isto veio num crescendo até o enlace coreográfico com a sua paródica dançarina Genoveva. Ele conciliou as duas atividades, mas a plenitude de ser exclusivamente artista se deu após a sua aposentadoria como professor, a partir de 2012.

Terminou fazendo pós-graduação em arte-educação, visando aprimorar seu trabalho, o que lhe consubs-

tanciou a necessária sabedoria para o perfeito convívio social, a ampliação e a diversificação do seu círculo de amizades e da plateia.

Dentre os tipos de bonecos usados no teatro, os mais conhecidos são o fantoche e o marionete. Outros são o mamulengo e o dedochê. O teatro de bonecos tem a sua origem no teatro de sombras, ainda na pré-história. De lá veio e chegou ao mundo contemporâneo mantendo o encantamento, a magia.

A inspiração para o surgimento de Genoveva se deu quando Cesar participava do Nordestinados. Biriba dançava com uma boneca de cor preta. Aquela performance o encantou. Com a volta de Biriba para a Bahia, que em Sergipe era professor da UFS e líder do grupo Nordestinados, mesmo com os esforços dos componentes, o grupo se extinguiu.







Cesar fez uma encomenda ao bonequeiro Luiz Anselmo Reis Seixas. Ao pegar a boneca, coincidentemente, Sergival estava hospitalizado ali perto. Resolveu o visitar com a boneca. Foi barrado na portaria, mas venceu na argumentação. No apartamento, ao dançar com a boneca, ao som do forró que ali se ouvia, o bailarino/ator fez Sergival ir do espanto ao convite para Cesar e a nova assanhada parceira trabalharem nos seus shows. Há muito eles vêm percorrendo várias cidades do Brasil. Outros países, incluindo Argentina e Estados Unidos, também foram visitados pela dupla de dançarinos. Uma das parcerias foi outra dupla: Antônio Rogério e Chiko Queiroga.

A boneca Genoveva, nome dado pela atriz e produtora Andréa Vilella, é, segundo Augusto Barreto, Mestre do Mamulengo do Cheiroso, uma boneca de articulação direta, na qual a interação do manipulador com o objeto se dá por inteiro. Diferente das marionetes que são manipuladas por cordéis ou dos fantoches, animados diretamente pelas mãos dos manipuladores, e ainda os dedoches pelos dedos.

A estética da Genoveva, no que diz respeito aos seus quatro figurinos, incluindo um de noiva, a aparência física do corpo e facial, o visual do cabelo, tem a ver com as dimensões do lúdico e do cômico que fazem o teatro de bonecos ser um poderoso instrumento de comunicação com todas as faixas etárias e classes sociais, sem barreiras morais que impeçam o despertar das emoções e do riso farto no humor do público.

Como se vê, na dupla mais famosa da dança nos palcos sergipanos, Cesar/Genoveva, de fato há um corpo a corpo. A constituição física da boneca e as ligações aos pés do manipulador possibilitam a sincronização dos movimentos. Claro que, um braço enlaçando a cintura, a outra mão segurando uma das mãos da boneca, acentuam o realismo dos movimentos dela e exige do artista toda a capacidade da sua expressão corporal, levando-se à conclusão de que, dentre as múltiplas habilidades desenvolvidas por Cesar Leite, é com a boneca Genoveva que ele atinge a sua maior expressividade artística. ■

Antônio da Cruz é Artista Visual. Integra a Academia de Letras de Aracaju e o Conselho Estadual de Cultura

Luiz Fernando Ribeiro Soutelo: um cordial carioca, intelectual sergipano

Ícone na Academia Sergipana de Letras e Instituto Histórico de Sergipe, Soutelo foi também cerimonialista respeitado em todo Brasil

Texto FERNANDO AGUIAR
IGOR ALBUQUERQUE



Homem público de uma elegância ímpar no tratar, no falar e no agir, sempre dividido entre o trabalho, a família, os lugares de memórias e suas ambiências/vivências desde a infância: Santa Luzia do Itanhy, o antigo Engenho Castelo, e a cidade de Estância, esses últimos, redutos de inspiração, produção intelectual, descanso e recordações pretéritas, misto de lugar mágico, privado e retroalimentador de energias para a reorganização da vida urbana, laboral e solitária.

Embora nascido na cidade do Rio de Janeiro, vindo morar, ainda em tenra idade, em Sergipe, mais precisamente em Santa Luzia do Itanhy, - a terra ancestral/afetiva familiar materna, que não só o acolheu, mas moldou-lhe os afetos e o conhecimento, que para além de sua espontânea e natural cordialidade típica dos cariocas, o fez um incansável “curioso”, como sempre gostava de se identificar, imprimindo-lhe uma marca peculiar que consistia em ressaltar o amor não só pelas terras do antigo Engenho Castelo, mas também pela cidade de Estância, como destacou em seu discurso de posse com Imortal na Academia de Letras de Sergipe, em 5 de novembro de 1985: “(...) antes de posicionar-me no seio desta Academia e perante os problemas da Cultura, eu vos falarei do meu amor por esta terra, pela minha querida Santa Luzia, berço da fé e da História, da cruz e da civilização em terras de Sergipe d’El Rei (...)”.

Santa Luzia despertara em si a sensibilidade e o gosto pelas manifestações mais afetuosas, a exemplo das antigas edificações como a Casa Grande e seu mobiliário e sua arte decorativa, a usina e a Igreja Matriz. Todavia, através da perspectiva da Cultura Imaterial, como as narrativas locais, as novenas, quermesses, festas e devoções como as procissões de Santa Luzia e de São Benedito, os festejos e celebrações juninos, que, desde cedo, ficou marcado o seu gosto e dedicação às “coisas da História e da Cultura” tecidas pelos vieses dos estudos da Memória, do Patrimônio, do Coleccionismo Bibliográfico e Documental e Artes.





No entanto, foi Estância que lhe proporcionou o aprender a ler e a escrever, despertando no infante o interesse pela leitura, pela literatura e pelas artes, ampliando os horizontes na cidade de Aracaju, em 1963, onde prestou o Curso Clássico no Atheneu Sergipense, militando na cena literária e cultural na Arcádia, tendo presidido aquela instituição estudantil, para em seguida cursar Ciências Econômicas na Universidade Federal de Sergipe, graduando-se no ano de 1971.

Através da convivência junto às relações políticas e de gestão estatal na companhia de seu pai, Antônio Ribeiro Soutelo, se dedicou ao cerimonial público, tornando-se "(...) um pioneiro que, mediante extrema cautela associada a considerável apuro técnico, implantou feições metodológicas (...), legando seus ensinamentos e formando várias gerações no Brasil

e em Sergipe, principalmente aos alunos do curso de Comunicação Social (Jornalismo e Relações Públicas) das antigas Faculdades Integradas Tiradentes (FITs), atual UNIT. Tendo o seu maior reconhecimento de atuação pela "Academia Brasileira de Cerimonial e Protocolo", ocupando a Cadeira nº IV (Patrono – Barão de Santo Amaro), onde participou brilhantemente.

Das experiências protocolares de cerimonial público exerceu as funções de Chefe do Cerimonial do Governo do Estado – nos períodos governamentais do Imortal João Alves Filho; Chefe do Cerimonial da Presidência do Tribunal de Justiça de Sergipe; e Chefe do Cerimonial da Prefeitura de Aracaju, na última administração do engenheiro João Alves Filho (2013-2016).

Nos anos de 1970, passa a compor o quadro de sócios do IHGSE, ocasião em que, ao se aproximar da profes-



sora Maria Thétis Nunes, conquista a sua admiração e confiança, sendo fortemente influenciado pelas ideias defendidas por ela, a partir do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), o que marca profundamente suas práticas investigativas e escrita histórica, sendo também marcado pelas ideias para as quais o IHGSE fora criado – “ser guardião da História e dos Bens Culturais do Estado”, como forma também de pensar, construir e salvar a História de Sergipe.

Desta relação como o IHGSE e Dona Thétis, abraça aquela instituição como local privilegiado para as suas pesquisas sobre as relações históricas de Santa Luzia do Itanhhy, Estância e a História de Sergipe, passando no ano de 1977, a compor a sua diretoria, no cargo de 2º Secretário, transitando entre a intelectualidade sergipana, construindo relações cor-

diais de trocas de saberes e conhecimentos através das formas afetuosas dialógicas como sempre o fazia.

A partir de então, no âmbito cultural, dirigiu o Instituto do Patrimônio Cultural da Secretaria de Estado da Cultura; presidiu o Conselho Estadual de Cultura, órgão colegiado no qual exerceu diversos mandatos, e no qual também atuou como Presidente da Câmara de Patrimônio Cultural, sendo sempre partícipe das ações empreendidas pelos membros da Comissão Sergipana em Defesa do Folclore Nacional, ainda que não se dedicasse às questões relacionadas ao Folclore, mas amante dos debates travados nesta seara do conhecimento.

Nos seus últimos anos de vida retorna ao exercício de professor no Ensino Superior, na Faculdade Pio X, por um período não tão longo, assim como na antiga FIT (atual UNIT). Das suas

experiências com o Ensino Superior, sempre esteve próximo a docentes e discentes instrumentalizando pesquisadores e estudantes com fontes e problemáticas investigativas, atualizando as pesquisas, orientando e indicando fontes, construindo amizades com a peculiar cordialidade.

Ao longo de sua vida pesquisou muito, localizou, classificou e identificou vasta documentação histórica, realizou, de forma sistematizada, muitas conferências - a última delas "Ele esteve aqui", um estudo minucioso, a partir do Diário de Dom Pedro II, sobre a sua visita e presença em Sergipe. Produziu, de forma pri-

morosa, vários pareceres sobre Patrimônio, no Conselho Estadual de Cultura. Publicou "Santo Antônio nos inventários do Cartório do 2º Ofício da Comarca de Estância" (2005), deixando inéditas as suas "Notas sobre a arquitetura tradicional sergipana (...)", além de uma obra inédita sobre Normas para Protocolos e Cerimoniais Públicos.

Nos últimos anos de sua vida material entre nós, o cordial carioca e intelectual sergipano, em razão da sua lealdade e fidelidade política, acabou tendo que se retirar do IHG-SE e teve encerrada a sua condição de docente no Ensino Superior; as-



sistiu a injustiça de ver recusada a representação do IHGSE no Conselho Estadual de Cultura, estando o próprio indicado pela Casa de Sergipe para aquele colegiado, ainda que houvesse sido aprovado em sessão plenária o assento do Instituto. Restaram-lhe apenas as ambiências da Academia Sergipana de Letras, a Academia Brasileira de Cerimonial e Protocolo, Santa Luzia do Itanhy, os irmãos e sobrinhos, os amigos leais e os reconhecedores de sua trajetória e importância para Sergipe.

Cabe ressaltar que antes do acontecimento da recusa da representação do IHGSE no Conselho Estadual de Cultura, retorna àquele Instituto, em 2018, na gestão da Acadêmica Aglaé D'Ávila Fontes, como 2º Secretário. Após a “reformulação” do Conselho Estadual de Cultura, retorna à sua velha casa, representando o IHGSE, assumindo a Presidência da Câmara de Patrimônio e retorna à vida pública na condição de assessor da Secretaria-Geral da Mesa Diretora da Assembleia Legislativa de Sergipe.

Mesmo já debilitado, seguiu contribuindo em todas as instituições das quais fazia parte, sem ódio, rancor ou revolta ou mágoa, mas produzindo o que sempre fez com muita competência, probidade e lisura. Sergi-

pe continuava a ser a razão dos seus afetos e cordialidade.

O menino cordial carioca em sua solitude, que se construiu sergipano pelas suas experiências entre Santa Luzia, Estância e Aracaju, partiu sem dizer adeus, mas com um legado expressivo e um exemplo de conduta e gratidão a sua terra e a sua gente. Voou no dia 03 de janeiro de 2022, na cidade de Aracaju, mas regressou à terra de sua infância “que o tornou sensível”, e como costumava dizer, sempre de forma jocosa aos mais íntimos: “imortal não é imorrível”, - completamos nós -, mas se eterniza pelos seus exemplos e ensinamentos, pelo conhecimento transmitido e consolidado, herança e patrimônio maior que ousou partilhar.■

Fernando Aguiar é Professor do Departamento de Museologia da Universidade Federal de Sergipe; Membro da Academia de Letras de Aracaju, do Conselho Estadual de Cultura de Sergipe e do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe;

Igor Albuquerque é Advogado, Escritor, membro da Academia Sergipana de Letras, Vice-Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e Secretário Geral da Mesa Diretora da Assembleia Legislativa de Sergipe.

Os painéis públicos de Jenner Augusto

Amigo de Cândido Portinari e Jorge Amado, o sergipano ficou conhecido no mundo inteiro e ilustrou o romance *Tenda dos Milagres*

Texto e Fotos SILVIO OLIVEIRA





Para escrever sobre arte pública de Jenner Augusto, primeiramente, devemos entender que por vezes o conceito de arte se confunde com cultura, mas são expressões distintas, apesar de terem interligações entre elas e nunca se separarem. Uma sinergia perfeita. O que é arte pode ser considerado cultura, mas nem sempre a cultura é arte. Quando se materializa como a produção de determinado público, num tempo e espaço, traduz-se em arte. De forma mais ampla, a cultura abrange também os saberes, as manifestações, as crenças, os desejos, os dialetos, os costumes, os hábitos alimentares, e para clarear ainda mais, o sotaque que é cultural, mas não é artístico.

A arte depende da cultura para se expressar por estar ligada às expressões e produções humanas. Toda manifestação artística traz consigo a produção de determinado momento (linha histórica), feita por alguém que expressa seus hábitos e costumes culturais ou

até mesmo de um grupo específico, em determinado lugar (territorialidade, temperatura, clima, geografia).

Quando se fala em arte pública, refiro-me a produções que podem ser conferidas por um grande público, em localização de fácil acesso e em espaços por vezes públicos, a exemplo de painéis, murais e esculturas de rua, que representam determinada expressão de um agente artístico na época da produção.

Basta olhar as representações públicas artísticas de Aracaju e verificar que elas espelham fatos, formas e perfis de uma determinada época, a exemplo dos painéis de Jordão de Oliveira no hall do Palácio Museu Olímpio Campos; dos murais contemporâneos de Titiliano em prédios de Aracaju; dos grafites do artista Dalva Dext espalhados por bairros e lojas; do chargista Edidelson, de esculturas de caju e do lendário Fausto Cardoso, primeira estátua posta em praça pública de Sergipe, loca-



lizada na praça do mesmo nome. E o que dizer das obras de Jenner Augusto localizadas no antigo Cacique Chá?

Personagens do cotidiano sergipano representados na obra do antigo Cacique Chá.

Para iniciar essa viagem cultural ao mundo dos murais de Jenner Augusto em Aracaju é importante trazer à tona que Jenner Augusto da Silveira (Aracaju, 1924 – Salvador, 2003) é sergipano de nascimento, filho de professora, e que passou grande parte de sua infância mudando pelas cidades do interior de Sergipe. Humilde, Augusto trabalhou como engraxate, sapateiro, ajudante de alfaiate, pintor de paredes, até começar seus primeiros olhares ao fazer cartazes para filmes. A partir daí, verificou-se o despertar de um artista. O interesse pelas obras de Horácio Ho-

ra, pintor estanciano, na década de 40, incentivava a sua pesquisa no campo da pintura. Seus primeiros trabalhos são acadêmicos, já que o contato com o Modernismo, já amadurecido no Rio de Janeiro e em São Paulo, era quase impossível para um jovem artística fora do tido eixo cultural. Por volta de 1945, data de sua primeira exposição, começa a integrar-se no ambiente artístico de Aracaju, mesmo não vendendo sequer um quadro nessa exposição. Em 49, realiza a decoração do Bar Cacique Chá, marco da Arte Moderna em Sergipe, onde aparece claramente a influência de Portinari. Nesse mesmo ano passa a residir em Salvador (BA).

A partir do Cacique Chá, são mais cinco lendários painéis em prédios públicos de Sergipe: edifício Walter Fran-





co (1957), considerado o primeiro mural público local; o prédio da Energisa (1961), o auditório do aeroporto Santa Maria (1962), no hall do Teatro Atheneu (1962) e no hall da reitoria da Universidade Federal de Sergipe (1980).

Brasil afora, o sergipano iniciava uma carreira sólida, quando em 1951 participa da 1ª Bienal de São Paulo. Dois anos depois executa o painel “Evolução do Homem” no Centro Educacional Carneiro Ribeiro, em Salvador (BA). Expondo no Rio de Janeiro, em 55, conheceu Portinari e Pancetti, que divulgaram o artista. É neste mesmo ano que é apresentado ao maior divulgador de sua arte e um de seus maiores fãs, o escritor Jorge Amado.

Jenner Augusto teve influência do baiano na sua vida e na sua obra, sendo o ilustrador do romance Tenda dos

Milagres, conseguindo captar a alma dos personagens, ricos e fundamentais elementos formadores da cultura baiana, tão representada pelo universo das personagens criadas pelo escritor baiano.

Jenner Augusto da Silveira sai pelo mundo estabelecendo uma convivência com pintores consagrados (Mário Cravo, Carlos Bastos, Genaro de Carvalho, Carybé, Poty, Rubem Valentim, Pancetti e Portinari), participando de exposições coletivas, realizando suas individuais, ganhando prêmios, medalhas, citações e homenagens, em reconhecimento pela genialidade da sua obra: Medalha de Ouro, no VI Salão Baiano (1956), viagem ao país do Salão Nacional do Rio de Janeiro (1959) e o Grande Prêmio de Pintura, do Salão de Artes Plásticas do Rio Grande do



Sul (1962). Nos anos 1960 realizou uma importante exposição com trabalhos abstracionistas no Museu de Arte Moderna na Bahia (MAM-BA).

Em 1962 Jenner veio a Aracaju para pintar os painéis do Hotel Palace de Aracaju (removido para o hall do Teatro Atheneu) e outro no aeroporto de Aracaju. Fez sua primeira individual em São Paulo, no ano de 1965. Ainda nos anos 1960 Jenner viajou para os Estados Unidos e Europa, expondo seus trabalhos. Em 1995 foi comemorado na Bahia o cinquentenário de suas atividades artísticas. Sua produção artística é caracterizada pela est tica modernista, onde predominam temáticas regionalistas representadas a partir de estilizações e manchas de cores contrastantes.

Em 2002, a ONG Sociedade de Estudos Múltiplos Ecológica e de Artes- Sociedade Semear inaugura em Aracaju uma galeria com seu nome: a Galeria Jenner Augusto.

Em 2015 Jenner ganha um memorial em Aracaju, justamente onde era a efervescência da sociedade sergipana: o Cacique Ch . Veja cada um dos seis painéis:

Cacique Ch 

Não é por acaso que essa viagem cultural representada pelos murais públicos de Jenner deve começar pelo seu memorial. Localizado no anexo do Senac Bistr  Cacique Ch , situado na praça Olímpio Campos, no Parque Teófilo Dantas, no centro de Aracaju, o espaço é um passeio por documentos, objetos, instrumentos de trabalho, recortes de jornais e revistas do artista, anotações e apontamentos, com curadoria do agente cultural Mário Britto.

No memorial estão também os painéis pintados em 1949 e restaurados em 2015. Através deles, Jenner introduziu a arte painel stica em Sergipe. Os painéis trazem trabalhadores com um toque dos traços das pinturas de Portinari. Além do memorial, o local é cheio de história por l  ser o Cacique Ch  fundado na década de 50 e passando a ser reduto da bo mia sergipana nos anos 80. Além do Memorial, o local é atualmente o Cacique Ch  Bistr  mantido como restaurante escola pelo Senac.



Pain l instalado no antigo Cacique Ch 



Painel em azulejo no Ed. Walter Franco, no Calcadão da Rua Joao Pessoa

Edifício Walter Franco

O edifício foi erguido em 1956 durante o governo Leandro Maciel e ocupou o espaço do prédio da Recebedoria Estadual, recebendo o painel de Jenner Augusto em 1957.

Primeiramente, o edifício foi construído com a destinação de abrigar as repartições do Governo e era conhecido como Palácio das Secretarias. Edifício de seis andares, o térreo ficou como Recebedoria Estadual, depois foi ocupado em 1982 pelo Banese. Também foi sede do Ministério Público do Estado por muitos anos.

O painel é o primeiro a ser instalado em praça pública e representa um marco muralista do modernismo de Sergipe. Sua regionalidade está presente no tema da época, a economia, com a produção agrícola, pescados, coco, caju, trabalhadores em mulas e

caçuás. Traz traços cubistas mexicanos, em voga na época, com cerâmica do conhecido artista alemão Udo Knoff, que também assina o mural.

Tombado pelo patrimônio público do estado, poucos sergipanos se atem à qualidade e às particularidades da obra, como a presença de uma pomba branca em um painel pouco colorido. Com traços cubistas, a pintura traz uma tridimensionalidade, sendo uma das primeiras obras vanguardista pública do gênero no Nordeste.

Em 2010, o mural foi restaurado pelo Banco do Estado de Sergipe, através da empresa AM Restauro, da Bahia, especializada na recuperação de patrimônios históricos. Atualmente o painel necessita urgentemente de manutenção.

Teatro Atheneu Sergipense

O cenário primário a ser afixado o painel datado de 1962 foi o restaurante do Hotel Palace, edificação considerada um marco da hotelaria moderna da capital sergipana e que foi aberta ao público neste mesmo ano. Com a deterioração e o fechamento do hotel depois de mais de 30 anos de funcionamento, em 2004 a obra de arte representando a chegada da família real no Brasil foi transferida para o Teatro Atheneu Sergipense.

Para realizar a complicada transferência, o painel foi cortado em diversos blocos de concreto e transportado até o teatro. Lá, juntaram-se os pedaços e em 2012 o Governo de Sergipe, através da empresa AM Restauro, conseguiu realizar a limpeza e manutenção. Todo o processo durou em torno de quatro meses. O painel está em bom estado de conservação.



Vinda da família real - Obra para o Hotel Palace transportada para o holl do Teatro Atheneu



Painel produzido para o Aeroporto de Aracaju e transportado para a sede da Energisa

Energisa

A obra é uma das mais representativas do gênero no Estado em pintura de azulejo, intitulada “Os Primeiros Habitantes de Sergipe”, concebida em 1961 para o antigo saguão do aeroporto Santa Maria, em Aracaju, na época passando pela primeira ampliação da pista de pouso e do terminal de passageiros, sendo inaugurado em 1962. Naquela época, Aracaju contava com um dos mais modernos aeroportos do Nordeste. Com a segunda reforma e aparelhamento do

aeroporto em 1996, e inaugurada em 1998, o painel foi transferido do saguão do aeroporto para a empresa Energisa, estatal de energia do estado de Sergipe. Em 2003 o Estado tombou o patrimônio público e em 2008 passou por novo restauro.

Mesmo sendo um patrimônio público, a empresa solicita autorização da presidência para visualizá-la, fazendo com que muitos sergipanos e turistas deixem de conhecer uma das principais obras do artista.



Obra de Jenner Augusto realizada no auditório do Aeroporto de Aracaju

Aeroporto de Aracaju

Em 1962 Jenner presenteou o aeroporto com mais uma obra. Desta vez, no auditório da estação aeroportuária. A obra, mesmo sendo um painel considerado público por estar em uma estação aeroportuária, não é acessível ao grande público e não apresenta uma data da pintura visível, além de constar com graves problemas de conservação, necessitando de restauro. Em frente ao patrimônio público, há um

painel e uma construção que danificou o nome do artista.

O monumento é mais um registro documental de uma época, pois nele preserva-se um dado momento social, com recorte temporal da cultura e da economia sergipana, a exemplo de trabalhadores da cana de açúcar, do gado e do coco, a obra traz uma pintada ruralista em cores fortes e com a assinatura do lado direito.

Reitoria da Universidade Federal de Sergipe

Um dos painéis mais recentes do artista, datado em 1980, faz alusão aos brincantes do grupo folclórico parafusos de Lagarto, de prédios históricos de São Cristóvão, além de traços acadêmicos, a exemplo de jovens em solenidade de formatura e em atividades esportivas.

O painel partiu de um quadro menor presenteado anteriormente pelo artista ao reitor Aloísio de Campos.

Em 2015 a obra em miniatura foi restaurada pelo filho de Jenner Augusto, Guel Silveira, e entregue novamente a UFS. O painel final não foi restaurado ainda e preserva inestimável valor histórico e artístico, tombado pelo patrimônio público estadual em 2003. ■

Silvio Oliveira é jornalista, guia de turismo, especialista em Gestão da Comunicação



Hall da UFS

Vilas praianas: cultura e turismo em destaque na orla de Aracaju

Governo de Sergipe consolida Praça de Eventos da Atalaia como espaço de fomento à cultura, acesso ao lazer e oportunidades de renda

Texto ANA LUIZA ANDRADE

Fotos ARTHURO PAGANINI
IGOR MATIAS

Quem passou pela capital sergipana em 2023 notou que a cidade estava diferente. Do calçadão da Orla de Atalaia aos bares, restaurantes, hotéis e pousadas instalados na região, a zona sul de Aracaju esteve a maior parte do ano cheia de gente feliz e encantada com os elementos da cultura sergipana, fruto dos investimentos do Governo do Estado no turismo e na cultura locais. Uma ferramenta fundamental para o bom desempenho da gestão estadual nesse trabalho foi o uso da Praça de Eventos da Orla, que no ano passado sediou a Vila do Forró, com o Arraiá do Povo, evento já consolidado durante o período junino no estado, e a Vila do Natal Iluminado, que, de maneira inédita,

movimentou o principal cartão-postal da cidade na época natalina.

E enganado está quem pensa que os planos do Governo do Estado pararam por aí; para 2024, o governador Fábio Mitidieri já confirmou a realização da Vila da Páscoa, adiantando que a programação deve incluir, inclusive, uma encenação da Paixão de Cristo. O evento dará continuidade à sequência de ações governamentais promovidas com o intuito de movimentar a economia a partir do turismo, como aponta o secretário Especial da Comunicação Social, Cleon Nascimento. “Em 2023, comprovamos que a movimentação da Praça de Eventos da Orla de Atalaia com programações sazonais e diversificadas aumentou a autoestima do po-



vo sergipano, promovendo a valorização da nossa cultura, e, também, atraindo milhares de turistas para o estado, gerando emprego e renda para a população”, sintetiza o gestor.

Os esforços do Governo do Estado para garantir o acesso ao lazer e a cultura têm sido reconhecidos pela população. A engenheira civil Camila Monteiro, de 26 anos, contou que sempre teve o costume de frequentar a Praça de Eventos quando eram realizadas as festividades juninas, mas que se recorda de serem menores em tamanho e em agenda. Por esse motivo, ela considera que

o local tem sido mais valorizado e bem-utilizado pela atual gestão. “Os eventos estão com uma proporção maior. A praça tem ficado muito linda. No São João, as atrações foram bem legais, me programei para ir em vários dias. Além da arena de shows, a Vila do Forró também estava linda com o coreto, o barracão e a área das comidas típicas. A Vila do Natal estava linda também. Acho que o mais atrativo é ser um espaço que promove eventos para todas as idades. O governo mostra estar valorizando e investindo no setor”, justifica a sergipana.



Bons resultados

Os bons resultados alcançados pelo investimento do Governo do Estado na Praça de Eventos da Orla de Atalaia são refletidos na economia sergipana. Durante o período junino, o Observatório de Sergipe, atualmente vinculado à Secretaria Especial de Planejamento, Orçamento e Inovação (Seplan), responsável por desenvolver diversos estudos e levantamentos de dados sobre o estado, analisou o impacto da Vila do Forró, indicando um aumento na arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS) de R\$ 26,7 milhões, três mil postos de trabalho e crescimento de 92% na movimentação do comércio.

Segundo o subsecretário de Estudos e Pesquisas da Seplan, o economista Ciro Brasil, isso acontece porque eventos desse porte favorecem especialmente os setores de lazer e turismo, gerando toda uma movimentação da cadeia econômica do estado. “É uma receita que está dando certo. Tivemos um movimento e uma percepção muito boa da população e dos comerciantes, tanto no São João quanto nos festejos de Natal. Foi um espaço muito bem-recebido e avaliado. Além de ser uma opção extra de lazer para a população aracajuana e sergipana, finda sendo também mais um atrativo na Orla de Atalaia, que já costuma ser muito bem-avaliada pelos turistas. É um espaço onde ambulantes e artesãos têm mais uma oportunidade de vender seus produtos, gerando renda para várias famílias dessas pessoas”, analisou o especialista.





Uma das pessoas beneficiadas pelo investimento do Governo do Estado na realização de eventos na Orla de Atalaia foi a empreendedora Cristiane Novaes, que trabalha com a comercialização de licores artesanais e participou do espaço destinado à economia solidária nas vilas do Forró e do Natal. Segundo ela, esse cenário reflete não só a preocupação da gestão estadual com a geração de emprego e renda dos pequenos empreendedores, mas também o compromisso com a valorização da cultura e das tradições do povo sergipano. “Além de proporcionar muitas oportunidades de vendas e movimentar a economia local, ajuda na valorização da cultura, do artesanato sergipano e do folclore do estado. Os nossos resultados com o licor ‘Meu Baião’ foram ótimos! A Praça de Eventos da Orla é um ponto extraordinário devido não só à sua localização, mas por já ser um local conhecido pelos turistas”, argumenta.

A participação dela e de outros empreendedores dos setores de artesanato e alimentação nos eventos do Governo de Sergipe é intermediada pela Se-

cretaria de Estado do Trabalho, Emprego e Empreendedorismo (Seteem), cuja gestão tem sido pautada especialmente pelo incentivo à economia solidária e criativa. De acordo com o secretário-executivo da pasta, Rafael Melo, mais do que proporcionar oportunidades de renda extra, esses eventos têm o papel fundamental de enriquecer a economia interna do estado. “Além de impulsionarem o comércio, essas ações retêm a renda no nosso estado, porque quando colocamos um empreendedor em contato direto com a população, a população adquire o produto local”, explica.

Com isso, Rafael Melo acredita que o cenário deve ser ainda mais positivo em 2024, a partir da realização dos eventos já consolidados e dos novos que virão. “Os números que nós temos somente na Secretaria do Trabalho, das pessoas envolvidas dentro dos nossos editais, apontam para uma venda de aproximadamente R\$ 2 milhões. Nós pretendemos dobrar esse número em 2024, tendo em vista os novos eventos que nós teremos, como a Páscoa, além das vilas do Forró e do Natal”, adianta o gestor.



Turismo

Outro setor que ganhou muito com os investimentos da gestão estadual na Praça de Eventos foi o turismo. Já consagrada como o principal ponto turístico da capital sergipana, a Orla de Atalaia teve seu potencial explorado ao máximo com os eventos realizados em 2023, de forma que foi registrado um crescimento no número de turistas recebidos pelo estado.

“Percebemos que a cadeia turística foi fortemente impulsionada, registrando, por exemplo, elevada ocupação nas redes hoteleira e de bares e restaurantes. Além disso, notamos como o mercado informal, com microempreendedores e vendedores ambulantes, também foi intensificado, principalmente com a chegada do verão. Nós, aliás, estamos tendo o melhor verão dos últimos tempos. Em 2023, tivemos um acréscimo muito interessante quanto ao número de turistas em nosso estado, que supera em 10% quando comparamos com o ano anterior, reflexo do importante

trabalho do Governo de Sergipe, por intermédio da Secretaria de Estado do Turismo (Setur), na promoção do nosso destino nos principais mercados emissivos de turistas do Brasil”, enfatiza o secretário de Estado do Turismo, Marcos Franco.

Ainda de acordo com o secretário Marcos Franco, os números positivos criam uma boa expectativa para todo o ano de 2024. “Nossa expectativa para 2024 é que atrairemos ainda mais turistas para nosso estado. Para tanto, temos como perspectiva continuar trabalhando a promoção do Destino Sergipe de forma intensiva com os principais players do mercado nacional. O resultado disso será mais geração de empregos e renda, fortalecendo ainda mais o turismo em Sergipe”, concluiu. ■

Ana Luíza Andrade, repórter Secom Sergipe



Atalaia Nova: reduto dos Ripongas nos anos 80/90

Memórias de um tempo em que a juventude aracajuana
atravessava o rio Sergipe para se divertir na Ilha de Santa Luiza

Texto e Fotos EUFRÁSIO SANTOS
Ilustração RODRIGO CARVALHO

A pedido do poeta e jornalista Gilson Sousa, farei uma sucinta narrativa dos anos “loucos” das décadas de 80/90 e minha experiência na “Ilha”, assim chamada a praia de Atalaia Nova, por justamente estar situada na Ilha de Santa Luiza ou Barra dos Coqueiros, como nominavam os “caretas” mais antigos.

Final dos anos 1970, ainda adolescente, mas com espírito de revolucionário, descobri a “Ilha” como reduto dos “malucos”, em início de 1980, ainda estudante do Atheneu Sergipense, quando “gazeava” aulas para ir para a Atalaia Nova em grupo, com a rapaziada de cabelos longos e muitas ideias na cabeça. Ali, se dirigia à Ilha para passar as tardes curtindo uma viola com o melhor da MPB, “cositas” e muita birita na cachola, quando de repente surgiu o “Bar Zé da Ilha”, que passou a ser o point e reduto dos “malucos” de Sergipe que encontraram lá um meio de fugir das perseguições da ditadura militar, ainda efervescente no Brasil. Tínhamos barracas onde montávamos nas praças e em frente às residências, ainda poucas, em Atalaia Nova.

Bom, então tinha uma malucada muito doida que não arredava o pé do “Zé”, bebendo goles de cana misturada com

cerveja. Nos fins de semana, o Bar virava uma *Woodstock* tupiniquim, onde todas as tribos se encontravam para curtirem tudo aquilo que estava rolando nas tardes quentes dos anos 80. Era tanto maluco que o proprietário e psicólogo “Zé” acabou se tornando amigo de todos.

Era a década de 80 que acontecia de tudo. Cazuza, Legião Urbana, Plebe Rude, Lobão, RPM, Alceu, Moreira, enfim, o Rock Brazuca era o estilo preferido dessa turma louca. A “Ilha” tem seus encantos. Eram ruelas de chão batido e suas bodegas que recebiam aquele bando de jovens transviados, cabeludos e cheios de gírias, que secavam literalmente as garrafas de cana, mas tinha uma que era o xodó da rapaziada: O Bar de “Seu” Ulisses, que ficavam ali na rua que dava para a praça “Luiz Gonzaga”, onde estava localizado o terminal de barcas que levava a rapaziada Aracaju/Atalaia Nova e vice-versa.

Eram milhares de pessoas que invadiam a Atalaia Nova e de cara esbarravam no Bar de “seu” Ulisses, e que ficava lotado pela galera sedenta por álcool, um preparativo para irem para o “Zé da Ilha”, que era o verdadeiro point da onda.





Conhecendo a História

Em outubro de 1987 surge na praia de Atalaia Nova, mais especificamente à beira do rio Sergipe, um novo equipamento turístico para se somar aos muitos outros já existentes: o Bar Zé da Ilha.

Em pouco tempo foi ganhando notoriedade, conhecimento e espaço nos meios turísticos do estado, muito por conta dos investimentos e realizações de eventos e atividades artísticas, principalmente nas noites dos finais de semana, quando promovia festas temáticas e shows de músicas (MPB), com artistas da terra (Sergipe). Pelo palco do Zé da Ilha passaram os músicos Doça Furtado, Bá da Excalibur (jazz, blues e mpb), Jadilson Moreno, Rogério, Lula Ribeiro, Amorosa, Chico Queiroga, Antônio Rogério, entre outros. Havia também a realização de grandes festas do Havaí, luaus e parcerias com o mais famoso dos eventos da Barra dos Coqueiros, o Coco Folia.

O Zé da Ilha passou por um grande incêndio no ano de 1989, na quarta-feira de cinzas, e que literalmente acabou em cinzas. Passou também pela invasão das marés quando quase foi engolido no ano de 1991, o que obrigou o governo do estado a fazer a necessária colocação de pedras e consequente-

mente a perda de nossa maior atração: a nossa extensa faixa de areia na praia.

Praia essa que com o tempo a mãe natureza nos devolveu por um bom tempo, encobrendo “milagrosamente” as pedras, até meados de 2011, quando de novo a maré passou a descobrir as pedras e a nossa praia mais uma vez desapareceu.

O Zé da Ilha resistiu a tudo isso, fechando por tempo indeterminado e reabrindo quando as condições e os ventos eram favoráveis. Na maioria desses anos, o bar foi administrado pelo próprio fundador, sendo que depois de 2011, passou por outras três ou quatro administrações diferentes, sempre com o mesmo objetivo de manter viva a marca Zé da Ilha.

E apesar de alguns contratemplos, a marca permanece viva. Atualmente o Zé está sendo repaginado para viver mais uma nova etapa, com novos empreendedores, que certamente farão o possível para preservar o nome e levar adiante com maestria a memória e a qualidade na prestação dos serviços. ■

Eufrásio Santos é Jornalista, produtor da TV Alese



Caçuá de Poemas



Francisco Diemerson

Membro e ex-presidente da Academia de Letras de Aracaju, membro do Movimento Cultural Antonio Garcia Filho da Academia Sergipana de Letras e professor adjunto da Universidade de Pernambuco.

esmagado como bagaço da cana
sem doçura que se aproveite
lasco o melaço em seus braços

jogo na calha das angústias
tudo que foi dito na crise dos ritos

a sede que não cessa é grito
preso na língua diante de seu rosto
é pedra e perdição

....

neste mar –
povoado pelas crises das horas -
apenas existe o silêncio
e o tempo, perdido.

há perigos e abismos que a luz
do farol fracassado, não revelam

rodeado pelas águas
há sede.

Sonia Maria Azevedo Viana

Poetisa e escritora. Membro da Academia de Letras de Aracaju e presidente da Associação Brasileira de Escritores – Secção Sergipe. Doutora em Educação.



SOLAR

É solar a altivez que ilumina a tua alma
E os teus dias atarefados
Porque vives assim, sob o fogo da inquietude
Na pressa de antecipar tudo.
Teus amanhãs já nascem agora
E esperar não é teu caminho
É apenas um termo que há muito foi deportado
Porque tu és a essência da véspera de tudo
E o próprio instante deslizando a eternidade das horas
Todas extraordinárias
Todas plenas de reservatórios de tempo

Semeando o nascedouro dos acontecimentos
É solar a altivez que ilumina a tua alma
E os teus dias atarefados
Porque és capaz de clarear cantos escuros
E abrir estradas impossíveis
Para trilhar jornadas inesperadas
Por onde vais... com teus pés gigantes
Insone, corajosa, elegante
E veloz, como os ventos impertinentes
Que inauguram o calendário de agosto
E a solar altivez que ilumina a tua alma
Nobre e rara, levitando sobre auroras
Labaredas de futuro, fazendo brasas antecipadas.

Caçuá de Poemas



Nilda Barnabé

É professora de Língua Portuguesa na Rede Municipal de Ensino de Capela/SE e na Rede Estadual de Ensino. Também é imortal fundadora da Academia Municipalista de Sergipe – MAS, e sócia-efetiva da União Brasileira de Escritores – UBE Núcleo Arapiraca/AL, Sócia-fundadora da Academia Carmopolitana de Letras, Artes e Ciências – ACLAC, Correspondente da Academia Riachuelense de Letras, Ciências e Artes – ARLA, Membro Fundadora da Academia Feminina de Letras de Sergipe – AFLAS, e Sócia do Sarau Sergipano de Mulheres – SSM.

O amor

O amor é um grande laço
porque enlaça o coração de quem ama
e une todos os pedaços.

Se digo sim ou se digo não
neste OCEANO de paixão
é porque só eu sei
As ESQUINAS por que passei
SE LAMBADA DE SERPENTE eu dancei

é porque só eu sei
que a vida é UMA PETALA LILÁS
de uma FLOR DE LIS
e que se mostra feliz
Pois o amor não sabe a força que tem
E mesmo FALTANDO UM PEDAÇO
depois do FATO CONSUMADO
ele é seu e de mais ninguém.

Jânio Vieira

É natural de Sergipe. Mestrando pela UFS em Estudos Literários, é professor de Língua Portuguesa e poeta. Membro da Academia Doreense de Letras - ADL, do Grupo Enforcadense de Estudos Literários - GEEL e do Clube de Leitura “Aimberê”.



Era luz
em amarelo
intenso

escondida
nos recantos de
minha memória

ali, refletia o brilho
que olhinhos
inocentes
iam capturando

(descobrindo o
mundo)

janelinhas
que emolduravam
pinturas de verde
e vida

imagens
de um tesouro luzente...

e aqui,
o brilho dos quadros
ofuscou-se

desbotando
toda uma realidade.

Caçua de Poemas



Jorge Henrique Vieira Santos

É professor e poeta, natural de Nossa Senhora da Glória (SE), Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), membro fundador e primeiro presidente da Academia Gloriosa de Letras.

PRECE

Mulher, és a melhor parte
Daquilo a que chamo “eu”

Porto onde aporta a nau
Serena do sonho meu

Na pedra bruta do peito,
Promessa que floresceu

De mim a parte que sobra
Sem ti é sombra, só breu

Quando te aperto no abraço
Passo tão perto do céu,

Que cada parte de mim
Contente canta pra Deus:

Que o Pai do Céu nunca aparte
O meu do caminho teu.

Tânia Cristina dos Santos Souza (Cris Souza)

É professora, jornalista, escritora, antologista com mais de dez antologias publicadas. É idealizadora do Café Poético Sergipano, Sarau Sergipano de Mulheres, Academia Literocultural de Sergipe, Academia Municipalista de Sergipe, Academia de Letras Estudantil de Sergipe e Academia Feminina de Letras e Artes de Sergipe.



DESILUSÃO

Nas sombras da alma, ecoa o lamento,
Um grito de dor em meio ao silêncio frio,
Desilusão tece teias de tormento,
E a confiança desfalece, sem abrigo.

Oh, amargura que dilacera o peito,
Como punhal afiado, corta fundo,
Em cada olhar, um reflexo imperfeito,
Da falsidade que habita o mundo.

Traição, cruel serpente envenenada,
Que se aninha no seio da amizade,
Devorando a pureza, a alma dilacerada,
Em um ciclo vicioso de falsidade.

Quebram-se laços, promessas desfeitas,
Em um mar de ilusões naufragadas,
O coração, em pedaços, se deleita,
No lamento de almas desamparadas.

Assim, caminha o ser humano ferido,
Entre sombras de descrença e dor,
Num mundo onde a confiança é perdida,
E a amargura é a única flor.

MEU CLICK



Silvio Rocha

Trabalha com fotografia desde muito jovem, quando atuou na Secretaria de Estado da Segurança Pública fazendo fotos para as carteiras de identidade dos sergipanos. Trabalhou também na Universidade Tiradentes como instrutor no laboratório de fotografia do curso de Comunicação Social. Tornou-se repórter-fotográfico na década de 1990 e realizou grandes trabalhos de reportagem no Jornal da Cidade e Cinform, principalmente. Neste trabalho específico, Silvio Rocha aborda a relação entre o homem e a lama, utilizando imagens com forte conotação em termos de sobrevivência humana. A prática da cata do caranguejo é uma tradição em várias comunidades de Sergipe, e representa o sustento de muitas famílias que fornecem à comunidade uma das iguarias mais apreciadas na culinária aracajuana. Sob o olhar de Silvio, 'o homem e a lama' se transformam em poesia, resistência e cultura.





Silvia
Rocha





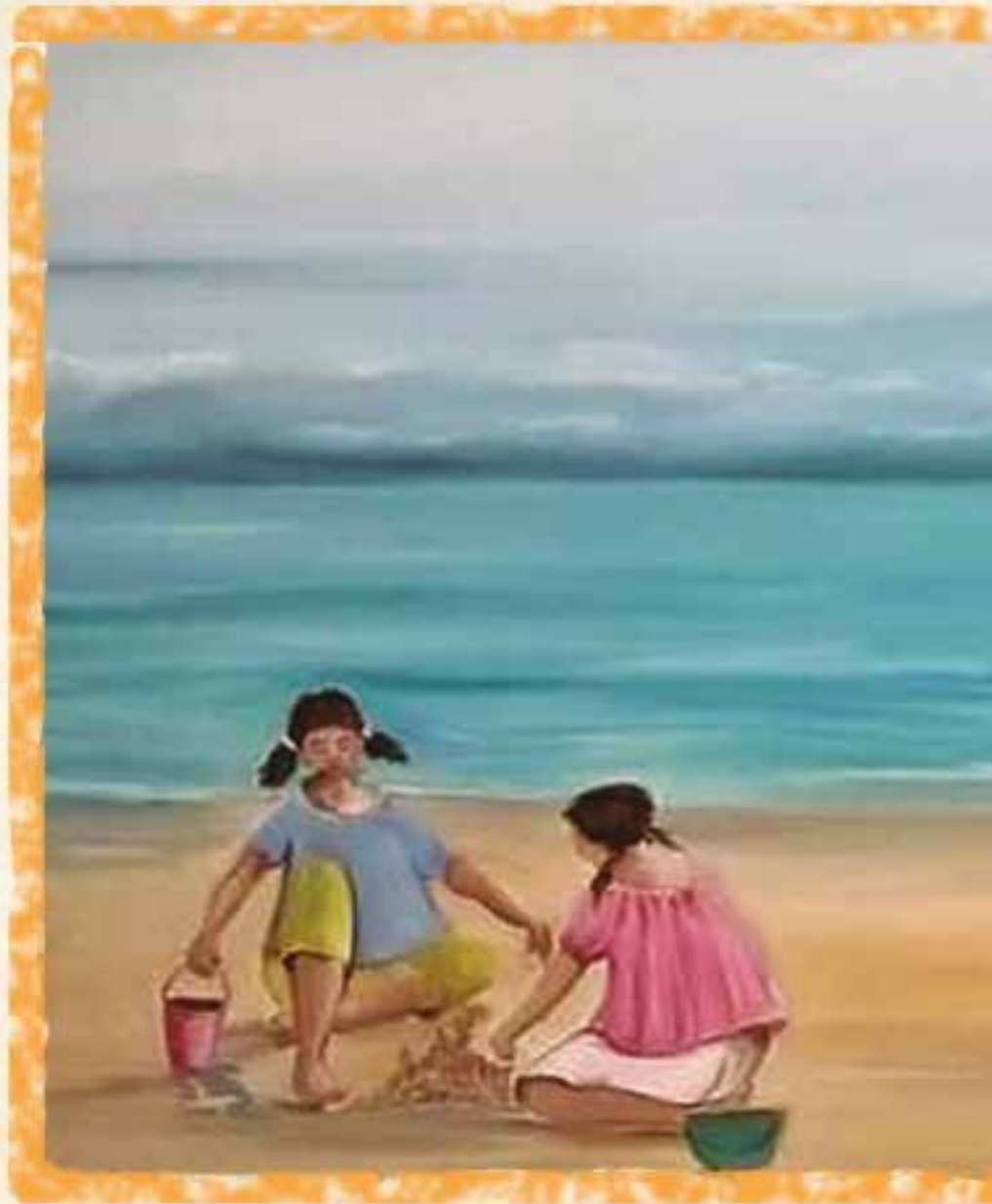
Silvio
Rocha











Brincadeiras de crianças

Texto AILEZZ
Ilustrações AILEZZ
LAU ROCHA



Tempo nostálgico esse dos anos 30, em que as crianças brincavam de dança de roda e andavam descalças nas ruas de areia. Se a areia estava quente ou fria, não sentiam... Sua agitação calava qualquer dor.

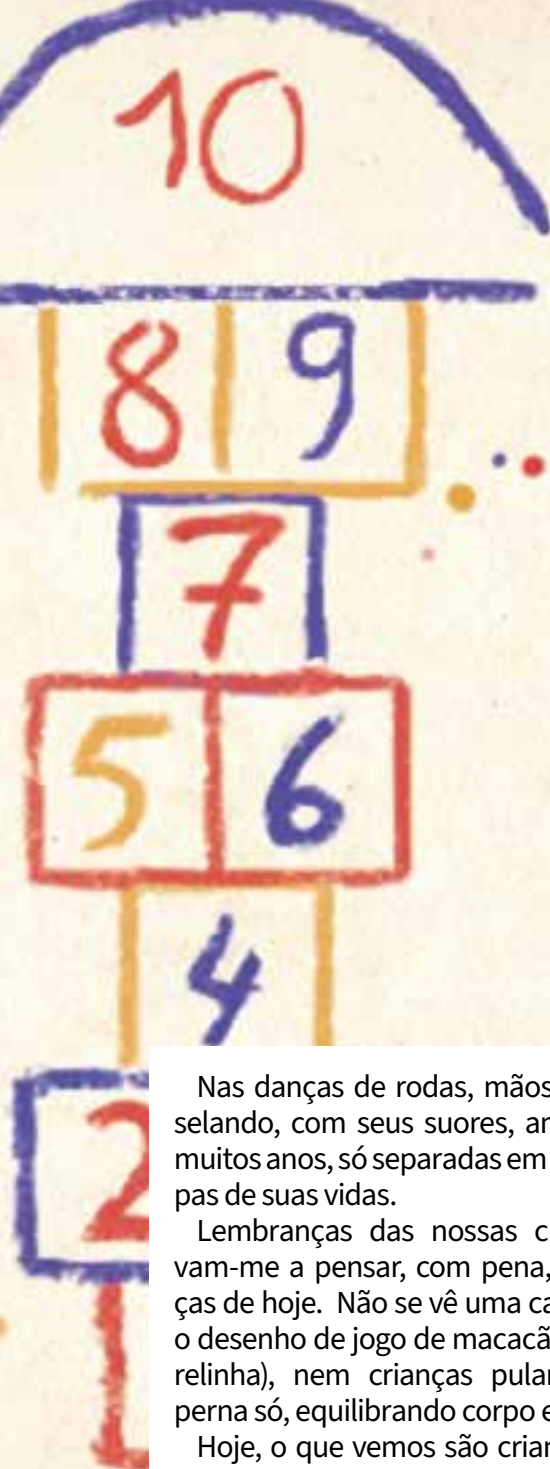
Vozes gritantes e destoadas eram ouvidas de longe, mas era compreensível, afinal eram crianças felizes e de pais despreocupados, numa realidade sem a atual violência.

Com perfeição de escultores na areia, seus pequenos calcanhares eram ferramentas vivas, na construção de buracos para o jogo de bola de gude.

Hoje, é engraçado lembrar os vitoriosos com suas roupas deformadas, devido ao peso da mochila pendurada na cintura e recheada de bolas de vidro. Era como carregar um troféu! Os ganhadores, ao admirar a beleza no âmago do colorido das bolas, se transportavam em fantásticas fantasias. Se a bolinha fosse azul e branca, as crianças lembravam o céu com nuvens, e se sua imaginação fosse além, viam pássaros com cantos a voarem. As verdes lembravam a vontade de um banho nas agitadas ondas espumantes do mar.



Alves 95



Nas danças de rodas, mãos se uniam, selando, com seus suores, amizades de muitos anos, só separadas em outras etapas de suas vidas.

Lembranças das nossas crianças levam-me a pensar, com pena, nas crianças de hoje. Não se vê uma calçada com o desenho de jogo de macacão (ou amarelinha), nem crianças pulando numa perna só, equilibrando corpo e mente.

Hoje, o que vemos são crianças estagnadas na inércia de um sofá, a perder o melhor da vida: brincar no seu tempo de infância, que só voltará na saudade.

Os inocentes, no devaneio dos eletrônicos, adoecem de miopia e ignoram a beleza do mundo. Os brinquedos modernos, que os estimulam por muitas horas, são bonitos (não podemos negar!), mas chegam às suas mãozinhas prontos, quando o ideal para o desenvolvimento de uma criança é aprenderem a construir, descobrir a matéria

com a qual estão tendo contato, amassando e até destruindo quando a ideia de intervir no brinquedo não dá certo. Isso é soltar a imaginação, aprendendo a errar ou acertar para a vida e continuar a viver em excitante curiosidade.

Lembro com saudade da brincadeira da dramaturgia, em que imitávamos os atores e as atrizes que víamos no cinema nas tardes de domingo. As vestes eram de papel crepom e, quando terminava a apresentação, elas eram rasgadas e voavam na forma de tiras coloridas, alegrando os convidados, que pagavam um cruzado (moeda dos anos 30) pelo engraçado espetáculo que gerava palmas e risos. E, assim, as vestes de papel crepom para a próxima apresentação estavam garantidas.

Foi um tempo bom que só volta nas lembranças! ■

Ailezz é Maria Zélia Silva Rocha, escritora e artista plástica nascida em Propriá (SE).



COLEÇÃO



TOBIAS BARRETO



A Imprensa Oficial de Sergipe (IOSE), através da Editora Diário Oficial (Edise), publicou as Obras Completas de Tobias Barreto. A coleção contendo 10 livros trata de temas como Direito, Política, Filosofia, Arte e Poesia.

Reconhecido mundialmente como um dos maiores pensadores do século XIX, o sergipano Tobias Barreto ajudou o Brasil a afirmar uma cultura transformadora, própria e ao alcance de todos. Por essa razão, sua obra tem valor extremamente significativo para o povo brasileiro.